

Petra

A arte fez-se corpo

Petra era a capital dos Nabateus – povo que talvez tenha chegado aqueles locais pelo século VII a.C., que emergiu séculos depois e tem o período de esplendor entre o séc. IV a.C. e o I AD. Petra teve o estatuto de capital desde época anterior a 312 a.C. até ao estabelecimento da província romana da Arábia em 106 AD.

Situa-se em lugar de passagem, e controlava as caravanas que, vindas da Arábia e do porto de Elat, se dirigiam à Palestina, à Fenícia e à Síria. Daí a prosperidade de que gozou.

Os soberanos de Petra, os reis nabateus, designavam-se reis da Arábia e o território sob o seu domínio, desde o tempo de Aretas III (86-62 a.C.), estendia-se até Damasco, cidade que era controlada pelo rei nabateu Aretas IV (9 a.C.-40 AD), na altura em que S. Paulo lá esteve (*Cor. 2. 11. 31-33*).

Diodoro Sículo descreve os Nabateus como nómadas que criam dromedários e ovelhas no deserto, se alimentam de carne e leite e de plantas selvagens: «ocupam um território em parte deserto, em parte sem água e cultivável em pequena extensão» (2. 48. 1); «pastoreiam os animais no deserto» e «não têm o costume de semear cereais, nem de plantar árvores de fruto, nem de beber vinho ou construir casas» (19. 94. 1-6).

Depois os Nabateus tornaram-se sedentários. E Estrabão – que descreve o país e o povo (16.4) e faz um relato da sua vida no tempo do rei Obodas III (30-9 a.C.) – sente-se impressionado com a maneira de viver dessa gente e dela fala com admiração: pacífico sistema cívico, sem lugar para litígios; adaptação à vida sedentária e ao prazer do convívio; responsabilidade cívica e ausência de escravos e desigualdades. Eis a tradução do passo em causa (16. 4):

Os Nabateus são povo moderado e inclinado a adquirir bens, a ponto de multarem publicamente quem diminua esses bens e de conferirem honras a quem os incrementa. Têm poucos escravos e a maioria é servida pelos parentes, ou uns pelos outros, ou servem-se a eles mesmos – um costume que até aos reis se estende. Fazem refeições comuns em grupos de treze pessoas e têm duas mulheres cantoras em cada banquete. O rei celebra com pompa muitos festins, mas ninguém bebe mais do que onze taças em cada um, usando de cada vez uma taça de ouro diferente. É tão democrata o rei que, além de se servir a si mesmo, por vezes serve também as restantes pessoas, uma a seguir à outra. Com frequência presta contas do seu reinado perante o povo e submete a exame, a cada passo, a sua maneira de viver. As casas, construídas com recurso à pedra, eram excelentes, e as cidades, sem fortificações, viviam em paz.

Os Nabateus sofreram a pressão e influência – ou esporadicamente o domínio – dos Gregos, após a conquista de Alexandre (que nunca os conseguiram subjugar totalmente), e mais tarde dos Romanos. Mantiveram lutas e contactos constantes com os Gregos, quer com Antígono, quer com os Selêucidas, quer com os Ptolomeus do Egipto. Entre os sucessores de Alexandre Magno, Antígono Monofthalmos governou parte da Ásia Menor, a Mesopotâmia, Síria e quase toda a Jordânia. Para estender o domínio, dirige-se para sul, mas encontra forte resistência dos Nabateus, conhecedores que eram do terreno. E em 312 a.C., Antígono manda o seu general Ateneu lutar contra os ‘Bárbaros’ – ou seja os Nabateus – de surpresa e destruir todos os seus animais (cf. Diodoro Sículo 19. 94. 1). E se, em 301 a.C., a Jordânia passa ao domínio dos Ptolomeus, já os Nabateus mantêm certa independência. No tempo de Obodas I (96-86 a.C.), houve lutas entre os Nabateus e os Selêucidas, governados então por Antíoco XII Dionísio, com derrota dos últimos e morte do próprio rei. Entre 86 e 62 a.C., tempo do reinado de Aretas III, dá-se a invasão de Damasco pelo soberano nabateu que se declara herdeiro dos Selêucidas. Aretas então manda cunhar moedas segundo o estilo grego: exibiam a sua imagem e a da rainha e tinham o seu nome em caracteres gregos. Atribui-se ainda o epíteto de ‘Filohelena’.

Mais tarde foram também longas as lutas com os Romanos até que estes integram Petra na província da Arábia em 106 AD. O reino dos Nabateus – e portanto Petra – tornou-se parte do Império Romano e a base da administração passa para Bostra, a actual Bursa. Mesmo a partir daí Petra manteve considerável importância e tornou-se centro cristão de relevo, com construção de igrejas de raiz e transformação de túmulos para essa função, como o Túmulo da Urna.

Os pontos de contacto entre a região de Petra e Israel, Judeia são várias. E a história dos Nabateus – ou dos povos que habitaram esses locais – cruza-se amiúde com a da Judeia. Na parte central de Petra encontrava-se a fortaleza rochosa dos Edomitas, a Sela da Bíblia. Foi à sua volta que cresceu mais tarde a Petra dos Nabateus. Diz-nos o II Livro dos *Reis* (II. 14.7) que Sela foi atacada e tomada pelo rei de Judá Amasias (c. 800 a.C.). Por seu lado, o rei Saul catalogou Edom como um dos seus inimigos. E David atacou Edom (séc. X a.C.), fez muitos mortos, prisioneiros e escravos (*Reis* 1. 11. 14-16). Ezequiel expressou o seu repúdio por Edom e Jeremias, por seu lado, proferiu sobre ela uma das mais violentas profecias (*Jer.* 49. 16-22).

Os Edomitas, mais tarde, no tempo de Alexandre e seus sucessores, adoptaram o helenismo e passaram a ser conhecidos pelo seu nome grego Edumeus. Herodes o Grande foi um deles, que morre em 4 AD. Um dos seus filhos, Herodes Antipas, que foi tetrarca da Galileia e Pereia casa com a filha do rei nabateu Aretas IV (9 a.C.-40 AD).

Petra situa-se entre escarpas e rochas. Cidade impressionante, situada em vale entre aflorações rochosas e escavada na escapa em parte considerável, deixa-nos a sensação de algo meticulosamente trabalhado – para não dizer rendilhado – na rocha e, para a posteridade, ali se quedou a enfrentar os ventos e calores do deserto. Hoje é o espanto dos olhos extasiados. Para lá chegar é necessário percorrer fundo desfiladeiro – o Sik –, com uma extensão de cerca de dois quilómetros, uma altura que atinge os cento a cinquenta metros e uma largura que, por vezes, não chega a ultrapassar os cinco metros. O desfiladeiro desemboca no chamado Tesouro, um

verdadeiro templo hexástilo que abre para pequena praça irregular. Talhado na rocha, dispõe-se em dois andares: se o inferior apresenta o aspecto nítido de fachada de templo de seis colunas, o superior aparece cortado por espécie de lanternim, a *tholos*, em cujo centro está representada a imagem de Ísis e em que, nos lados, havia dois cavaleiros, que talvez sejam os Dioscuros. No interior, uma câmara rectangular deserta e sem outro ornamento que não seja a cor da pedra a dar-lhe vida.

Depois do Tesouro, o desfiladeiro alarga-se – o chamado Desfiladeiro Exterior – e as construções nas rochas, mais ou menos elaboradas, sucedem-se de um e outro lado. Para a designada Via das Fachadas, abrem-se os túmulos que se sobrepõem, em andares. São verdadeiras colunatas em duplo e triplo andar, umas vezes; simples portas de grutas, outras vezes. A meio da constante abertura do vale, aparecem escavadas nas rochas das escarpas laterais, a sul, o grande teatro, com cávea toda talhada na rocha, em meio de necrópole, e a cena construída, mas de que apenas se conserva a parte inferior do fuste de quatro colunas – e fruto de anastilose. No topo da massa rochosa que se ergue e impõe por trás da cávea do teatro, situa-se o Castelo e Lugar Alto com o altar dos sacrifícios – a fortaleza rochosa dos Edomitas, que a Bíblia designa com o nome de Sela.

Do lado oposto ao teatro e um pouco a nordeste, a rocha ostenta uma série de colunas e pórticos – o Túmulo da Urna do tempo dos Nabateus, mas que os Romanos teriam adaptado a tribunal e os Cristãos a igreja. Depois dispõem-se os Túmulos Coríntio e do Palácio, verdadeiras jóias de arte trabalhadas na rocha.

Todo o Desfiladeiro Exterior e vale é atravessado por calçada romana, de cujas lajes ainda restam troços. De um e outro lado, dispõem-se edifícios e colunas. Daí o nome que recebeu, Via das Colunas ou Via Columnata. Na sua contiguidade, encontravam-se o Ninfeu e Templo dos Leões Alados (lado norte); Grande Templo (lado sul).

Para oeste da cidade, alcandorado no topo de montanha rochosa, situa-se o que hoje ostenta o nome de Mosteiro. Para a ele acedermos, é necessário subir cerca de oitocentos, muito irregulares, em ziguezagues, a cada passo talhados na rocha,

entremeados com lanços de terra e pequena brita. Não é fácil a escalada e parece desanimar os mais ousados. Mas quem vence o cansaço e o peso dos músculos, cegado ao como, abre-se-lhe a alma em rasgado hino de louvar: o espírito limpa-se, a arte ganha corpo.

Os olhos alargam-se, perdem-se na distancia. E, numa ampla clareira, entre rochas, surge altaneira fachada romana talhada na rocha em dois andares – o que se chama o Mosteiro. Teve, ao que parece, em determinada altura uso religioso – e daí o seu nome – mas foi construído e aberto para servir de túmulo a soberano nabateu, o rei Obodas I, que morre em 86 a.C.

De olhos extasiados com as formas e volumes, ébrios de distâncias e lonjuras e ainda a tentar a adaptar-se à estreiteza dos muitos e irregulares degraus, a descida é feita de coração lavado, mais leve – quem sabe se pelas calorias dispendidas e perdidas na subida – e com a sensação de dever cumprido. Já dizia um poeta grego do séc. VI-V a.C., Simónides de Ceos (fr. 74 Page):

A Excelência mora sobre rochedos inacessíveis,
na companhia de um coro sagrado de céleres ninfas.
Nem aos olhos de todos os mortais
é visível — apenas a quem o suor que devora o ânimo
o íntimo não esmorece
e alcança os píncaros da coragem.

Os monumentos de Petra são únicos no mundo: teatro, templos, túmulos, galerias – tudo talhado e esculpido directamente nas escarpas das rochas. Grande parte desses monumentos, e também a Via das Colunas, data do séc. I AD. Os túmulos, uns são simples, mas outros têm traça elaborada — têm sido identificados como túmulos reais —, triclinios associados e apresentam artística e arquitectónica influência grega, ptotolaica e romana.

E Petra fica nos olhos a na memória!

A natureza criou as massas rochosas,
desfiladeiros, escarpas, volumes, cores.
Os sonhos e crenças do homem a pedra
cinzelaram, trabalharam e lavraram
— busca insatisfeita de caminhos e sendas.
E a pedra ganhou corpo e nos contempla.

Vide C. Auge et J.-M. Dentzer, *Pétra. La cite dès caravanes* (Paris, 1999).

G. W. Bowersock, *Roman Arábia* (1983, repr. 1994).

Ph. C. Hammond, *The Nabataeans. Their History, Culture and
Archaeology* (Gothenburg, 1973).

A. Kammerer, *Pétra et la Nabatène*. 2 vols. (Paris, 1929-1930).

J. McKenzie, *The Architecture of Petra* (1990).

L. Nehmé et F. Villeneuve, *Pétra. Métropole de l' Arabie antiqúe* (Paris,
1999).